

O Culto da Fertilidade ou O Falo do Entrudo

O Carnaval é uma festa pagã (como todas as festas boas) que a religião se habituou a tolerar (que remédio...) devido à dificuldade que sentiu em combatê-la. Terá criado forma a partir do culto a Dionísio, mais tarde baptizado Baco, quando Roma adoptou esta divindade ébria. Chamavam-se Bacantes aos participantes nestas festas, chamadas Bacanais.

Desde a Grécia antiga que se foi transformando o original culto da fertilidade dos solos, celebração do fim do Inverno que se anuncia, mas sem nunca perder a sua característica mais importante, a Máscara, associada geralmente a elementos fálicos, como em Podence, cujos caretos são já uma marca de uma região, no que é o melhor exemplo de recuperação de tradições antigas para as sociedades modernas que eu conheço em Portugal.

Usadas para exorcizar demónios, ou simplesmente para garantir o anonimato que permite a entrega do corpo aos desejos da mente, as máscaras permanecem hoje com as mesmas funções. Exorcizar, esconder, iludir, e, no campo das artes, também contextualizar e exacerbar.

Sempre houve e haverá músicos que, além da música, oferecem actos artísticos mais complexos, em que o contexto cénico usado em palco, ou o próprio contexto que envolve a música, é mais ou menos elaborado. Temos ópera-rock e temos teatro-rock, temos álbuns conceptuais e temos o David Bowie, por exemplo. O uso da máscara ou, na sua ausência física, o uso de personagens, tem o mesmo propósito, neste caso ilustrar a música, ou mais raramente (mas mais valorizável) musicar um contexto qualquer.

O Enterro do Entrudo, ritual ainda hoje generalizado por todo o mundo rural português, associa-se mais facilmente ao antigo rito grego do que aos concursos de máscaras feitos na *disco-night*. Os símbolos fálicos que caracterizam os rituais de fertilidade do mundo antigo acompanham o Entrudo que vai a enterrar (como dantes se enterrava o Inverno) e que dava lugar à Primavera/Verão que trazia o alimento garante da sobrevivência das populações. Bowie também enterrou o seu Entrudo, um Entrudo extraterrestre sexualmente dominado por um bando de aranhas marcianas. Infelizmente, a este enterro

não se seguiu uma Primavera radiante, antes um mergulho profundo numa maré de cocaína do qual recuperaria lentamente mas de forma grandiosa. Bowie é o pai espiritual de uma série de músicos que usaram e abusaram das maquilhagens para ornamentar a sua música – Bauhaus, The Damned (na pessoa de Dave Vanian, que inspirou Johnny Depp para a personagem do barbeiro maluco) e Misfits (assim numa onda zombie-punk-rock), numa linhagem directa de filhos e sobrinhos, são exemplos possíveis. Não foi Bowie a inventar nada mas, como sempre, os seus resultados são diferentes. Alice Cooper será anterior a Ziggy Stardust, mas é mais efeito de caracterização do que de contextualização.

Temos portanto máscaras que ultrapassam o conceito de carnaval e que, embora seguindo os mesmos preceitos, servem p'ró rock. Alguém imagina os Kiss sem máscaras? Eles até tentaram, e continuaram a ter sucesso (pelo menos no Japão) mas não seria a mesma coisa, presumo. É que Gene Simmons, aparentemente, sai mais favorecido quando está mascarado (a título de curiosidade: o primeiro concerto dessa fase dos



Kiss foi em Portugal, em 1983).

Mais recentemente, os Slipknot, um fenómeno de massas, optaram por manter o anonimato, actuando sempre mascarados.

Ilustres representantes portugueses desta linhagem de mascarados lembro-me de dois: os Tantra, no final dos anos 70, com o seu vocalista Frodo a encarnar um extraterrestre cabeçudo e com o seu imaginário Tolkien a servir de cenário; os Blasted Mechanism, que usaram a imagem que agora os caracteriza para cortar com um passado de trash-metal e subtilmente se imporem como um dos melhores actos ao vivo do nosso país.

Celebremos a fertilidade que chega, com máscaras e leviandade. Enterremos o Entrudo, e façamo-lo com uma boa banda sonora.

Nuno Santos



Histórias de mascarados



DAVID BOWIE

Após editar *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, Bowie suspendeu a sua presença no mundo. Durante um ano, apenas Ziggy deu entrevistas, antes de anunciar, com estrondo, a sua saída de cena, em Julho de 1973. Ziggy desapareceu, Bowie continuou. Verdadeiro homem das mil caras, passou a vida a mudar de máscara. E não só. Em cada novo álbum o novo visual correspondeu, durante muitos anos, a uma nova personalidade, frequentemente a um novo personagem. Mais arriscado ainda, cada novo disco aborda um novo estilo, uma nova experiência de um músico que vestiu a pele de camaleão desde cedo. Bowie foi soulman, teve um flirt com o krautrock, vestiu os fatos do glam, dançou o disco-sound e solou com o hard-rock. Bowie foi Thin White Duke, foi Major Tom e foi Ziggy Stardust. Bowie dilui o ego quando, no final dos anos 80, integrou os Tin Machine com um grupo de anónimos que não deixou história. Bowie foi actor e fez carreira como actor.

Com David Bowie a máscara deixou de ser um acessório e passou a ser um modo de vida.



KISS

De uma certa forma, os Kiss são a antítese de David Bowie. O primeiro enxertou personalidade às suas máscaras, os segundos abusaram das pinturas faciais. O inglês revolucionou a cada disco, os americanos não ultrapassaram a irrelevância. The Starchild, The Demon, Space Man e The Catman – cada um dos Kiss inventou um personagem para si – eram apenas uma das componentes de espectáculos onde a encenação escondia a desinspiração musical. Ainda perfeitos desconhecidos com os bolsos vazios, alugaram uma limusina para

se apresentarem pela primeira vez ao vivo, dando ares de grandes senhores. A partir daí, os concertos sempre foram a mais-valia do grupo, uma espécie de feira musical em que o público esperava ansiosamente pelos números circenses que incluíam momentos de cuspir fogo ou sangue, guitarras planantes a soltarem fumo ou baterias que levantavam voo. O sucesso levou a Marvel a lançar uma banda desenhada com os membros do grupo como protagonistas, com a publicidade a anunciar que a tinta vermelha da ilustração era feita a partir do sangue dos músicos. E o deslumbramento prosseguiu com a realização do filme *Kiss Meets The Phantom Of The Park*, onde os quatro "super-heróis" travam uma luta contra um vilão que fazia o mal com bonecos iguais a eles. Tudo indica que, por esta altura, alguns elementos do grupo levassem a encenação tão a sério que chegasse a dormir com as próprias máscaras.



THE RESIDENTS

Se entendermos o conceito de mascarado como o daquele que se quer esconder, ninguém o extremou tanto como os The Residents. Banda da vanguarda americana, desde 1974 que disponibilizam gravações raras e excêntricas, além de tomarem opções totalmente à margem das regras do mercado – *Not Available*, o segundo álbum, foi gravado para não ser lançado (os fãs só descobriram a sua existência quando, a seguir ao álbum de estreia, *Third Reich And Roll* foi apresentado como o terceiro trabalho da banda); *The Commercial Album* é composto por quarenta músicas de um minuto, baseada na premissa de que as músicas pop americanas, descontadas as repetições e refrões, contêm apenas um minuto de música aceitável; houve digressões em que o grupo actuava atrás de uma cortina no palco.

Como que para acentuar que é a música que realmente interessa, a certa altura o grupo decidiu eclipsar-se. Há décadas que ninguém do público vê as caras dos The Residents. Nas capas dos discos, cada face surge sempre ocultada por um enorme globo ocular e nos palcos os elementos do grupo também não mostram as caras.

VILLAGE PEOPLE

Se houve momentos na história da música em que um concerto se confundia com um baile de máscaras, só podem ter ocorrido nos espectáculos dos Village People. Antes da ascensão do Homem Aranha, do Noddy e das Winx, os Village People eram tudo o que uma criança poderia desejar



ser no carnaval. Um índio, um cobói, um polícia e um soldado receberam a companhia de um motoqueiro e de um operário e saltaram para cima dos palcos enquanto cantavam *We Can't Stop The Music*. Nascido do interior da cultura gay, o grupo obteve sucesso mundial e, tal como os Kiss, chegou a fazer um filme, considerado como o pior de 1980. Mas o episódio mais incrível da vida do grupo aconteceu em 1981, por altura da edição de *Renaissance* – ao abandonarem as fatiotas de fantasia e adoptarem um visual futurista à base de calças de cabedal e penteados esquisitos, os Village People conseguiram mascararse... desmacarando-se. Felizmente que, no disco seguinte, voltaram aos seus trajes habituais.



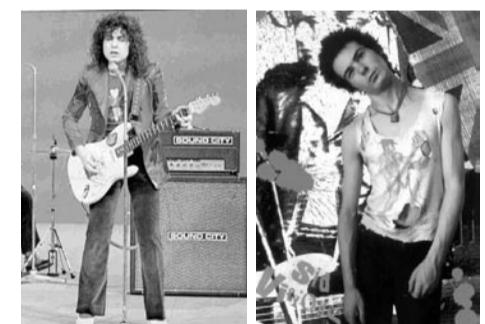
JOÃO AGUARDELA

O criador de bandas como os Sitiados ou A Naifa foi sempre um homem frontal, amigo do seu amigo, destemido a dar a cara pelo que considerava o mais correcto, incansável a defender as suas ideias. Na fase final da sua carreira, porém, não se esquivou a criar uma máscara. Em 2008, um ano antes da morte de Aguardela, a Naifa lançou *Uma Inocente Inclinação para o Mal*, terceiro álbum de uma carreira que não se sabe se continuarará. Todas as letras do disco eram da autoria de Maria Rodrigues Teixeira, autora desconhecida e ausente, que terá contactado o grupo no final de um concerto em Tondela. Nesse encontro ter-lhes-á mostrado um conjunto de textos que impressionou de tal forma os músicos, que logo mostraram o seu interesse em os musicar. A partir daí, todo o contacto com a misteriosa Maria foi feito por email e A Naifa criou o mito de uma poetisa recatada e avessa às luzes da ribalta, que estaria mesmo ausente do país. Com a morte de Aguardela, caiu a máscara. Afinal, Maria Teixeira era um heterónimo do músico, que assim fugiu a dar explicações sobre a sua escrita, centrando as atenções na vertente musical. Quem diria que Aguardela também gostava de brincar ao Carnaval?



BLASTED MECHANISM

Se há máscaras que impressionam, elas pertencem aos Blasted Mechanism. No activo desde 1995, o grupo português atravessou diversas fases, usando sempre uns disfarces fantásticos, seja a inspiração tribal, oriental ou espacial. Tudo nos Blasted é extravagante: os trajes, sempre a dar a ideia de serem vestidos por seres vindos de outro planeta; os nomes adoptados, como Karkov, Guitshu, Valdjiu ou Syncron; os instrumentos que inventam, como a kalachakra e o bambuleco. O objectivo das máscaras foi mudando. No início eram parte do fascínio dos concertos da banda e ajudavam o público, hipnotizado, a entregar-se sem defesas a uma música que apelava à dança e ao exorcismo. Hoje o grupo adoptou conceitos mais místicos, e as máscaras ajudam a interiorizar uma postura que se pretende próxima das forças da Natureza. Um estranho caso de máscaras mutantes.



ANOS 70

Não houve época para brincar aos mascarados como os anos 70. Música e imagem pareciam andar sempre de mãos dadas e não houve movimento nascido nos *seventies* que não juntasse à música uma máscara bem aviada. "Diz-me o que vestes, dir-te-ei o que ouves" é uma das frases mais certeiras para caracterizar a época. Roupa colorida à base de camisas de folhos e calças boca-de-sino, completados com sapatos de tacão alto? Eis o glam-rock. Crista colorida a encimar a t-shirt rasgada, alfinete de dama espelhado nas calças aos buracos e botas de tropa? Era um ouvinte de punk. Camisa aberta por baixo do fatinho branco e do sapato bicudo? Amante do disco sound?

Os 70's foram, definitivamente, um enorme Carnaval que permitiu aos mais afoitos (ou mais insatisfeitos) irem trocando de máscaras à medida que mudava a banda sonora.

Artur Abreu

temos más-

2.

Qa definição encontrada, uma máscara é todo o objecto que se coloca em frente à face, escondendo-a, em vários contextos, como, por exemplo, no carnaval e em certas obras teatrais. Esta definição retirada da excelente ferramenta web *e-dicionário de termos literários*, gerida por Carlos Ceia, encerra em si todo o carácter simbólico e estilístico deste s_21. As máscaras, elemento espiritualista em rituais de inúmeros povos, sempre existiram entre nós, desde tempos imemoriais, sendo usadas e servindo de ícone essencial, especialmente, no mundo teatral, dando o mote para aquilo que o espectador incauto pode encontrar, ou seja, um drama ou uma comédia, com as características peculiares de cada um destes termos. Se bem que utilizadas em maior número e com um simbolismo preponderante na época grega do teatro, as máscaras, ao longo dos tempos, não deixaram nunca de desempenhar o seu preponderante papel nas personagens diversas e multifacetadas que sobem ao palco. Obviamente que podemos também considerar que estas e outras máscaras não pertencem somente ao mundo ficcional do teatro, sendo facilmente encontradas



caras, te-

em inúmeros pormenores quotidianos, ou noutro tipo de artes, como o cinema, a música, fotografia ou rituais de forte carácter popular tradicionalista, como o caso dessas míticas figuras nacionais que dão pelo nome de caretos, mostrando ou reforçando a força de determinado papel ou protagonista. No caso particular dos caretos transmontanos, as máscaras servem de elemento chave e primeiro para todo o tipo de manifestações rituais que estes seres levam a cabo, co-adjuvados por uma indumentária rica em cores ou pelos chocalhos que trazem amarrados à cintura, para a tradicional dança com as raparigas. Elemento chave e primeiro porque é através delas ou, aliás, atrás delas, que estas criaturas pagãs ganham vida e dão vida, sendo que tudo lhes é permitido, porque também, e justamente, não se sabe quem é. E não falo somente do carnaval, dado que os caretos começam as suas deambulações a partir do Natal (dependendo um pouco dos lugares de origem...). Mas basta colocarem a máscara para serem caretos e aí pouco importa em que altura do ano se está. Um careto e a sua máscara têm sempre a mesma força e expressão... Para finalizar e voltando um pouco atrás, aos pormenores de quotidiano, as máscaras

servem, essencialmente, para esconder algo (característica de personalidade) ou alguém. É deveras abundantemente comum este tipo de situações em personalidades públicas ou em outras que querem ser públicas ou aparecer em ou no público. enfim, existem máscaras para todos os propósitos. Existem propósitos para todos os tipos de máscaras...

Luís Antero

(com a máscara gráfica de Valter Hugo Mãe, ou seja, a escrita em minúsculas)



As festas do Entrudo, que provêm na sua essência dos povos da antiguidade, revestem-se de um carácter meramente religioso. Celebra-se a entrada do ano – para que neste não hajam acontecimentos trágicos – ou a Primavera, símbolo do renascer da natureza. Embora ainda existam lugares onde as festividades carnavalescas se iniciem no

dia de Reis, a 6 de Janeiro, o mais comum é que estes festejos decorram nos dias que precedem a Quarta-feira de Cinzas, início do período da Quaresma.

Também as máscaras do carnaval têm na sua origem um carácter religioso e/ou espiritual, ligado ao culto dos mortos. Por altura do ano novo invocavam-se as "larvas" ou espíritos maus dos antepassados, que, através do fenômeno da an-

tropomorfização pensavam conseguir a sua reconciliação com as pessoas vivas. Nas festividades, aqueles que simbolizavam os mortos, vestiam-se de branco e cobriam a face com uma máscara.

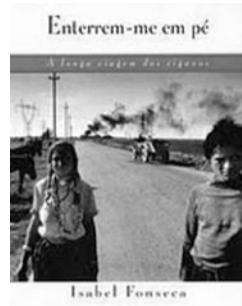
Actualmente, mesmo assumindo variadíssimas formas, o auge dos festejos (e também o seu terminus) ocorre aquando do enterro do Entrudo, cerimónia que os romanos designavam por enterro

do Baco; acendem-se grandes fogueiras onde se queima um boneco, uma cruz ou mesmo um animal vivo (geralmente um gato), elementos, que simbolizam um bruxo ou mesmo um espírito mau. A crença é a de que, o fumo e o fogo possuem a virtude de purificar os campos agrícolas, ao mesmo tempo que libertam os homens da influência dos espíritos maléficos.

3 PISTAS

LETRAS

Vida de Cigano



Numa deslocação recente à capital, dei por mim a deambular pelo Chiado, numa rua coberta de bancas de livros em 2.ª mão, na tentativa de comprar *A Estrada*, de Cormac McCarthy. O livro tinha estado por lá algumas semanas antes, mas no momento não havia outro exemplar para venda. Claro que ao lado, numa das mais antigas livrarias nacionais, *A Estrada* lá estava, à espreita da oportunidade de vir até Oliveira do Hospital. Mas o escriba não pretendia gastar muito dinheiro e por isso lá continuou na busca de outro livro que valesse a pena trazer e ler em casa (afinal, é para isso que os livros servem...).

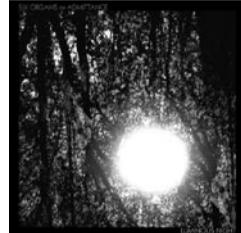
Enterrem-me de Pé, de Isabel Fonseca, foi o livro adquirido, ao preço simbólico de 1€ (a obra tem quase 400 páginas!), numa venda outlet dessa tal grande livraria nacional. Valeu a pena, claro!

Editado em 1995 pela Teorema, o livro parte do velho provérbio cigano - *Enterrem-me de Pé. Eu estive de joelhos toda a vida* - para nos traçar, justamente, a história de vida(s) dos ciganos, "o povo mais difícil de entender à face da terra". O excerto que se segue dá-nos a dimensão da obra: "Isabel Fonseca descreve igualmente o seu antíquissimo exôdo da Índia e a sua história de perseguição sem trégua: escravizados pelos príncipes da Roménia medieval, massacrados pelos nazis, assimilados à força pelos regimes comunistas e, mais recentemente, expulsos das suas terras por movimentos nacionalistas nas novas 'democracias' do leste [...]".

Escrito num tom muito directo, próximo do leitor, Isabel Fonseca traça-nos a história e vida deste povo, com base em viagens que efectuou à Europa Central e Oriental, entre 1991 e 1995. Poderíamos até acompanhar a leitura deste livro com as excelentes bandas sonoras dos filmes de Emir Kusturica (ele próprio um difusor das particularidades ciganas no cinema) que em termos contextuais faria algum sentido, mas impele-me a sensatez a ler este livro sem música alguma. É um livro sério mas aberto, onde toda a banda sonora essencial e indispensável, feita de baladas e de canções de trabalho e de desespero, se encontra nas suas páginas, que nos falam de vidas difíceis, de pessoas sem tecto e sem direitos e, naturalmente, de toda uma cultura que nem sempre (eventualmente, para sempre) foi devidamente compreendida ou assimilada pela cultura ocidental. *Enterrem-me de Pé!* é uma espécie de tratado de sobrevivência de um povo que não se quer esquecido. Se o encontrarem por aí, levem-no para casa!

Luís Antero

Enterrem-me em pé, Isabel Fonseca, Teorema, 1995



quase todos os temas está uma base de guitarra acústica que, aos poucos, se abre em espaços musicais bem delineados onde os restantes instrumentos (guitarra eléctrica, flauta, percussão...) se situam, serenos e confiantes, em total consciência arquitectónica da canção, como se esta fosse um trabalho de edificação constante, onde imperam o bom gosto, a estrutura excelsa e a elegância desmedida. Ben Chasny é, portanto, um construtor de canções com indelével marca autoral e *Luminous Night* a sua noite mais longa e bela.

A longo do disco, *Actaeon's Fall (Against the Hounds)*, não engana: guitarra acústica de contornos medievais, abre espaço para um solo comedido e de extremo bom gosto da vizinha eléctrica para, de seguida, dar novamente espaço ao absolutamente genial apontamento acústico da guitarra, envolto agora, por doces acordes celestiais, vindos de uma flauta algures situada no centro de uma floresta iluminada pelos primeiros raios de sol. *Anesthesia* dá-nos, pela primeira vez, a voz de Chasny, mística, serena e minimal, coadjuvada por instrumentos de recorte acústico (os já citados guitarra e flauta), mas ouvindo-se, lá ao fundo, a eléctrica cadente, em dialogantes espasmos convidando à introspecção. *Bar-Nasha* envolve-nos num mantra psicadélico de fino recorte onde a junção dos vários instrumentos é o seu ponto épico mais alto. *Cover Your Wounds With The Sky* é um tema fulcral para quem tem em mente um salto ao outro lado do universo, de olhos fechados e banco de efeitos no chão. *Ursa Minor* segue a linha de *Anesthesia*, com a voz apoiada pela sempre presente guitarra acústica e envolta em camadas ambientais de electrónica ténue, dando ao tema o carácter épico de que este se parece apropriar. *The River Of Heaven*, o instrumental psicadélico século XXI e o mais minimal e cerebral de todos os que constam do álbum, leva-nos numa viagem por terras do oriente, onde samurais parecem lutar por algo mais do que a honra ou o bem servir em nome do imperador. Antes do fim, *The Ballad of Charley Harper*, em homenagem ao artista plástico norte americano, dá o tom geral de um disco que congrega em si o melhor conjunto de canções elaborados por Ben Chasny.

Luís Antero

Six Organs of Admittance, Luminous Night, Drag City, 2009

SONS

Dias Luminosos

O último trabalho de Ben Chasny e do seu projecto Six Organs of Admittance, *Luminous Night*, é tão luminoso como o título de facto deixa antever. Acústico, orquestral, celestial ou psicadélico são termos que lhe assentam na perfeição, como perfeita é a sua noção de espaço musical, vertido em canções que individualmente conseguem encerrar em si as características globais do disco. A dominar



quase todos os temas está uma base de guitarra acústica que, aos poucos, se abre em espaços musicais bem delineados onde os restantes instrumentos (guitarra eléctrica, flauta, percussão...) se situam, serenos e confiantes, em total consciência arquitectónica da canção, como se esta fosse um trabalho de edificação constante, onde imperam o bom gosto, a estrutura excelsa e a elegância desmedida. Ben Chasny é, portanto, um construtor de canções com indelével marca autoral e *Luminous Night* a sua noite mais longa e bela.

Ao longo do disco, *Actaeon's Fall (Against the Hounds)*, não engana: guitarra acústica de contornos medievais, abre espaço para um solo comedido e de extremo bom gosto da vizinha eléctrica para, de seguida, dar novamente espaço ao absolutamente genial apontamento acústico da guitarra, envolto agora, por doces acordes celestiais, vindos de uma flauta algures situada no centro de uma floresta iluminada pelos primeiros raios de sol. *Anesthesia* dá-nos, pela primeira vez, a voz de Chasny, mística, serena e minimal, coadjuvada por instrumentos de recorte acústico (os já citados guitarra e flauta), mas ouvindo-se, lá ao fundo, a eléctrica cadente, em dialogantes espasmos convidando à introspecção. *Bar-Nasha* envolve-nos num mantra psicadélico de fino recorte onde a junção dos vários instrumentos é o seu ponto épico mais alto. *Cover Your Wounds With The Sky* é um tema fulcral para quem tem em mente um salto ao outro lado do universo, de olhos fechados e banco de efeitos no chão. *Ursa Minor* segue a linha de *Anesthesia*, com a voz apoiada pela sempre presente guitarra acústica e envolta em camadas ambientais de electrónica ténue, dando ao tema o carácter épico de que este se parece apropriar. *The River Of Heaven*, o instrumental psicadélico século XXI e o mais minimal e cerebral de todos os que constam do álbum, leva-nos numa viagem por terras do oriente, onde samurais parecem lutar por algo mais do que a honra ou o bem servir em nome do imperador. Antes do fim, *The Ballad of Charley Harper*, em homenagem ao artista plástico norte americano, dá o tom geral de um disco que congrega em si o melhor conjunto de canções elaborados por Ben Chasny.

Luís Antero

Six Organs of Admittance, Luminous Night, Drag City, 2009

IMAGENS

O Vício da Guerra

A Guerra do Iraque tem servido como pano de fundo a diversos filmes, a maioria de produção norte-americana, que têm abordado o conflito sob os mais diversos pontos de vista. Os dramas vividos na retaguarda americana podem encontrar-se em obras como *No Vale de Elah*, de Paul Haggis (o pai que procura perceber o que aconteceu ao filho desaparecido), *Terra de Bravos*, de Irwin Winkler (as dificuldades de adaptação no regresso para quem viveu os traumas do combate) ou *The Messenger*, de Oren Moverman (a difícil missão, sem utilização de armas, dos que têm de comunicar os mortos às suas famílias). Os bastidores da política que conduziram ao conflito já ocupavam uma boa parte de *W*, de Oliver Stone, e preenchem a sátira *In The Loop*, de Armando Iannucci. As operações no terreno vieram com *Censurado*, de Brian de Palma, e com *Estado de Guerra*, de Kathryn Bigelow.

Visto por pouco mais de 10.000 espectadores em Portugal aquando da estreia, a obra de Bigelow vê-se agora projectada para a ribalta mercê das suas nove nomeações para os Óscars, tantas como o ultra-mediático *Avatar*. Os Óscars têm a projecção que se conhece, mas as luzes que agora iluminam o filme não vêm só da academia. Outras organizações e outros países têm elevado *Estado de Guerra* ao panteão das grandes obras e vão-no apontando como "o filme" de 2009.

Por cá, a chuva de nomeações coincidiu com a chegada ao DVD, onde é de supor que o número de as compras e alugueres venham a superar o de bilhetes vendidos. O filme merece-o. Centrado nos personagens de soldados que integram um pelotão de desarmadilhagem de minas, a história acaba por nos levar ao interior das motivações de cada um. Percebe-se então que cada soldado acaba por travar a sua própria batalha, e que a sua presença no teatro de operações pode ter como base o dinheiro, a obrigação, a ingenuidade ou o altruísmo. Ou que a guerra também pode ser um vício, uma potente criadora de adrenalina que deixa agarrados os que se lhe submetem.

Artur Abreu

Estado de Guerra, de Kathryn Bigelow, 2009

BREVES CULTURAIS SEMPRE ACTUAIS

Maestro do Coro da Casa da Música premiado com Grammy. Paul Hillier recebeu a distinção para Best Small Ensemble Performance, pela direção do Ars Nova Copenhagen & Theatre Of Voices, referente à interpretação de *The Little Match Girl Passion*, de David Lang. O maestro inglês é o titular do recém-criado Coro da Casa da Música, no Porto, que acumula com a direcção do coro dinamarquês.

Michael Jackson abriu as portas com mais de 40 artigos do cantor, entre os quais a famosa luva branca cravada de cristais com que estreou os passos de dança "moonwalk". Nesta espécie de museu ao "Rei da Pop" podem ainda encontrar-se o cenário do videoclip *Billie Jean* ou um "Túnel do Tempo" que abrange os principais momentos da carreira do cantor.

Avatar provoca mudança na paisagem da China. A cadeia montanhosa até agora conhecida como *As Colunas do Céu*, no sudeste do país, passa a responder pelo nome de *Avatar Hallelujah*. Alegadamente, James Cameron inspirou-se naquela parte da paisagem chinesa para criar as montanhas voadoras do seu filme, e o governo chinês não quer perder a oportunidade de capitalizar o facto, atraindo os turistas para um "tour mágico e misterioso pelas montanhas de Avatar e Pandora no planeta Terra".

Avatar é o filme mais rentável de sempre. As receitas do filme de James Cameron fizeram com que o realizador se ultrapassasse a si próprio, já

que o anterior líder de bilheteria, *Titanic* (1997), também era da sua autoria. Para o desempenho de *Avatar* está a contribuir de forma decisiva o sucesso do filme na China, mercado habitualmente impermeável às obras provenientes dos EUA, bem como a projecção em salas com tecnologia 3D, onde os bilhetes são mais caros. O grupo de filmes que conseguiram ultrapassar os mil milhões de dólares passou agora para cinco – as obras da Cameron têm a companhia de *O Senhor dos Anéis: O Regresso do Rei*, de Peter Jackson (2003); *Os Piratas das Caraíbas: O Cofre do Homem Morto*, de Gore Verbinski (2006); e *O Cavaleiro das Trevas*, de Christopher Nolan (2008). O filme mais rentável de sempre levando em linha de conta a actualização dos valores da inflação continua a ser *E Tudo O Vento Levou*.

Recluso Polanski premiado em Berlim. Em prisão domiciliária na Suíça desde Setembro de 2009, o polaco Roman Polanski foi distinguido como melhor realizador no Festival de Berlim pelo seu filme *The Ghost Writer*. Os dois principais prémios foram para *Honey*, do turco Semih Kaplanoglu,

distinguido com o Urso de Ouro, e *I Want to Whistle, I Whistle*, do romeno Florin Serban, que recebeu o Urso de Prata, correspondente ao Grande Prémio do Júri. Quanto aos galardões de interpretação, o masculino foi entregue aos russos Grigori Dobrigin e Sergei Puskepalis, premiados ex-aequo pelo filme *How I Ended This Summer*; e o feminino foi para a japonesa Shinobu Terajima, pelo seu papel em *Caterpillar*.

Prémio Universidade de Coimbra entregue a Pedro Costa e Almeida Faria. O galardão no valor de 25 mil euros, atribuído desde 2004, tem distinguido personalidades de áreas muito diversas, tendo este ano sido dividido entre um cineasta e um escritor. Nos anos anteriores já distinguiu figuras tão distintas como António Hespanha, Luís Miguel Cintra, José Epifânia da Franca ou Julião Sarmento.

Bill Watterson dá primeira entrevista em vinte anos. O criador de *Calvin & Hobbes*, de 51 anos, deixou de desenhar uma das mais conseguidas bandas desenhadas das últimas

décadas em 1995, no auge de popularidade da série. Avesso à exposição mediática, fugiu sempre ao contacto com o público, apesar das inúmeras solicitações, decorrentes do sucesso conseguido com as aventuras de um miúdo de seis anos do seu inseparável tigre de peluche. A entrevista agora publicada foi feita por mail e Watterson refere não estar arrependido de ter deixado de publicar novas histórias com os seus personagens.

Escultura de Giacometti é a obra mais cara do mundo. *O homem que anda*, de Alberto Giacometti (1901-1966), tornou-se na obra de arte mais cara de sempre, ao atingir os 74,4 milhões de euros num leilão da Sotheby's. A venda superou o recorde mundial de um quadro de Picasso, *Rapaz com Cachimbo*, vendido por 74 milhões de euros em Maio de 2004.

Escultura de Joana Vasconcelos é a mais cara de Portugal. A artista portuguesa de 38 anos viu a sua peça *Marilyn* atingir os 574 mil euros num leilão de arte contemporânea promovido pela Christie's. O par de sapatos gigantes realizados com panelas e tampas tornou-se na segunda obra mais cara da arte portuguesa, atrás de *Baying*, pintura de Paula Rego que atingiu os 740 mil euros em 2008.